

O sentido do sofrimento como doação de si

Prof^a Dr^a Sílvia Regina Brandão
Faculdade Santa Marcelina

Resumo: O presente artigo trata do tema do sofrimento humano a partir dos autores Viktor Frankl e papa João Paulo II que, tendo vivenciado experiências de sofrimento intensas, escreveram obras sobre essa questão. Partindo-se dos fundamentos antropológicos e filosóficos aborda-se os questionamentos pertinentes à vivência do sofrimento – de modo particular acerca de seu sentido – e a possibilidade de se chegar por meio dele à descoberta de valores, de realização e redenção pessoal.

Palavras Chave: sofrimento humano, descoberta de valores, realização pessoal.

Abstract: This article analyzes human suffering and its meaning according to Viktor Frankl and pope John Paul II experiences and writings. From philosophical and anthropological foundations, it discusses the experience of suffering, and its meaning, as a possible key to discovering values.

Key words: human suffering, values, self-realization.

A experiência do sofrimento constitui uma ocasião privilegiada para o ser humano tomar consciência de si próprio, de modo particular, de sua capacidade de transcendência, isto é, de voltar-se, ordenar-se para algo ou alguém que se encontra fora, além de si mesmo. O sentido do sofrimento revelar-se-á nesse movimento de abertura, de oferta e de doação de si.

Para penetrar o profundo e fecundo sentido do sofrimento assumiremos como referência dois autores que, além de produzirem textos extraordinários sobre esse tema, também passaram pessoalmente por experiências de sofrimento intensas. São eles:

Viktor Frankl (1905-1997), psiquiatra judeu, viveu a terrível experiência dos campos de concentração e, sobrevivendo a quatro deles, descobriu importantes aspectos da experiência humana, o que o levou a formular a *Logoterapia* – terceira escola de psicoterapia de Viena. A *Logoterapia* centra o processo terapêutico na busca de sentido para a existência, concebida como a principal força motivadora no ser humano.

Karol Wojtyła, Papa João Paulo II, (1920- 2005) vivenciou também o horror do nazismo, perdeu muitos amigos judeus e aos 21 anos de idade já havia passado experimentado a dor pela morte da mãe, do pai e do irmão, restando somente ele da família. Não se eximiu de expressar publicamente o seu sofrimento proveniente do atentado ou do longo período de sua doença. Menos de três anos após o atentado escreveu um texto, uma encíclica sobre o sentido cristão do sofrimento *Salvifici Doloris*.(1984)

Ajudados por esses dois mestres poderemos olhar com profundidade para experiência do sofrimento e buscar compreender como se torna possível dentro dela a resiliência, a maturidade interior e grandeza espiritual.

1. Homem: ser em busca de sentido

Viktor Frankl define o homem como um ser em busca de sentido, de tal modo que ele poderá se realizar enquanto pessoa se descobrir e afirmar um sentido nas diversas circunstâncias de sua vida, mesmo naquelas que são dolorosas. Segundo ele, o so-

sofrimento se dá quando o homem se encontra “diante de algo inelutável, isto é, quando enfrenta qualquer coisa de fatal que ele deve que aceitar como é.”(Frankl, 1989:49) Essa circunstância constitui um infortúnio, mas, ao mesmo tempo, é uma possibilidade do homem se realizar, encontrar nela um valor e afirmá-lo em primeira pessoa.

Existem situações em que se está impedido de trabalhar ou de gozar a vida; o que, porém, jamais pode ser excluído é a inevitabilidade do sofrimento. Ao aceitar esse desafio de sofrer com bravura, a vida recebe um sentido até o seu derradeiro instante, mantendo esse sentido literalmente até o fim. Em outras palavras, o sentido da vida é um sentido incondicional, por incluir até o sentido potencial do sofrimento inevitável. (FRANKL, 1991:102)

Assim, para Frankl o sofrimento não priva nem nega ao homem a possibilidade de encontrar um sentido; porém, para encontrá-lo será decisiva a postura que se adota diante dessa situação inevitável. Frankl cita várias vezes Goethe que diz “Não há nenhuma situação em que não se possa enobrecer, quer seja realizando ou suportando”.(Frankl, 1989:155). Além disso, segundo o psiquiatra judeu:

o sentido da necessidade está em ser um lembrete. Mesmo no plano biológico, a dor representa já o papel de um guardião e monitor pleno de sentido. Pois bem: no plano anímico espiritual tem uma função análoga. O que o sofrimento faz é salvar a alma da apatia, da rigidez mortal da alma. Enquanto sofremos continuamos a viver da alma. (FRANKL, 1989:153)

Apesar da aversão que a cultura contemporânea tem pelo tema do sofrimento ou do sacrifício, essas experiências fazem parte da condição humana. Diz Papa João Paulo II: o sofrimento é:

algo essencial à natureza humana. É algo tão profundo como o homem, precisamente porque manifesta, a seu modo, aquela profundidade que é própria do homem e, a seu modo, a supera. O sofrimento parece pertencer à transcendência do homem; é um daqueles pontos em que o homem está, em certo sentido, ‘destinado’ a superar-se a si mesmo; e é chamado de modo misterioso a fazê-lo. (JOÃO PAULO II:1988:6)

Ele explica que

o homem sofre quando *experimenta um mal qualquer*. (...) O homem sofre por causa do mal, que é uma certa falta, limitação ou distorção do bem. O homem sofre *por causa de um bem* do qual não participa, do qual é, num certo sentido, excluído ou do qual ele próprio se privou. (...) No conceito cristão a realidade do sofrimento explica-se por meio do mal que, de certa maneira, está sempre em referência a um bem. (JOÃO PAULO II:1988:12)

Para o cristianismo a realidade, a existência é essencialmente um bem, pois expressa, é fruto da bondade do Criador; o homem sofre quando se sente de alguma forma privado desse bem.

O sofrimento possui ao mesmo tempo um caráter ativo e passivo: “o homem sente o mal e, sentido-o, torna-se sujeito de seu sofrimento.” Ao mesmo tempo que padece, sente pesar sobre si uma dor a pessoa é chamada a assumi-la, descobrir seu

sentido, apropriar-se dela. De qualquer forma, no sofrimento está contido “a grandeza de um mistério específico”: diante do sofrimento o homem estremece, a reação primeira é de se intimidar; ao mesmo tempo, o sofrimento suscita compaixão, respeito e contém um singular convite à solidariedade e à comunhão.

2. Pergunta sobre o sentido do sofrimento

A pergunta sobre o sentido do sofrimento é profundamente humana: expressa o desejo, a exigência de conhecer as razões, a finalidade dessa experiência imposta pela vida.

Frankl conta que quando chegou em Auschwitz e precisou separar-se do manuscrito de seu primeiro livro, teve que sofrer e superar a perda deste filho espiritual. Ele relata que diante desta situação crítica parecia ter uma preocupação diferente da maioria de seus companheiros:

“A pergunta deles era: ‘Será que vamos sair com vida do campo de concentração? Caso contrário, todo esse sofrimento não tem sentido.’ A pergunta que atormentava a mim era: ‘Será que tem sentido todo esse sofrimento, toda essa morte ao nosso redor? Caso contrário, não faz sentido sobreviver; uma vida cujo sentido depende de semelhante eventualidade – escapar ou não escapar – em última análise, nem valeria a pena ser vivida.’”(FRANKL, 1991:103)

Para Frankl o sofrimento é uma oportunidade para a pessoa se perguntar e descobrir um sentido para existência (inclusive, em muitos casos a última) e encontrar o valor de sua vida, assumir o valor único e irrepetível que ela carrega. Para tanto é necessário que a pessoa não considere “a vida” ou o sofrimento vagamente, mas encare a sua vida, a sua dor, não se subtraindo aos convites e às perguntas que lhe são colocadas nessa situação. “Cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida, respondendo por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável. Assim a logoterapia vê na responsabilidade a essência propriamente dita da existência humana.”(Frankl, 1991:99)

Segundo o Papa João Paulo II explica que apesar do sofrimento ser algo quase inefável e não comunicável a partir dele são colocadas questões de fundo “a pergunta acerca da causa, da razão – por quê? – ou da finalidade – para quê? – acompanha o sofrimento e determina o seu conteúdo, faz com que o sofrimento seja propriamente humano.” (João Paulo II, 1988:16)

Colocar essas questões a si mesmo, às outras pessoas e, mesmo a Deus é tão importante, tão necessário quanto difícil e dramático. Geram muitas vezes conflitos, frustrações. Porém, diz o papa, “o homem pode dirigir tal pergunta a Deus com toda a comoção do seu coração e com a mente cheia de assombro e de inquietude; e Deus espera por essa pergunta e escuta-a.” (João Paulo II, 1988:17). O papa lembra a dramaticidade de tantos sofrimentos sem culpa: nessa circunstância particular, mais do que em qualquer outra, a pergunta sobre o sentido do sofrimento surge com intensidade e dever ser tratada com acuidade: tanto a pergunta como as possíveis respostas a ela.

3. Sofrimento como caminho de realização pessoal.

É possível descobrir no sofrimento inevitável a possibilidade de crescer como pessoa por meio dele. Perante o inevitável, mesmo que não seja possível fazer nada, é possível assumir uma postura, uma atitude dentro dessa experiência dolorosa.

Para Frankl, o ser humano pode encontrar um sentido para vida por meio de três categorias de valores: os valores criadores – que são realizados mediante o fazer, como o trabalho, por exemplo; os valores vivenciais – que são vivenciados por meio dos sentidos, da beleza presente na natureza ou na arte, por exemplo; e os valores de atitude – que são afirmados pelo modo, pela atitude que a pessoa assume diante de situações inevitáveis, como uma doença incurável ou a perda de um ente querido.

Só quando o homem já não tem nenhuma possibilidade de realizar valores criadores; só quando ele já não está realmente em condições de configurar seu destino, só então pode realizar os valores de atitude; só nessa altura tem algum sentido ‘carregar a sua cruz’. A essência de um valor de atitude reside precisamente no modo como um homem se submete ao irremediável.(FRANKL, 1989:155)

O sofrimento convida à descoberta de valores de atitude de tal forma que, encontrando um sentido naquela circunstância dramática, o homem faz a experiência de realizar sua humanidade e de se libertar **no** sofrimento. Experimentando a dor, a impotência diante de um drama inevitável a pessoa pode descobrir, por meio de sua liberdade, uma possibilidade de enfrentá-lo com dignidade.

Gostaria de exemplificar com a vivência de duas alunas que expressam num trabalho para minha disciplina o caminho de crescimento pessoal que estão percorrendo dentro da experiência sofrimento. Ambas são estudantes do curso de Moda da Faculdade Santa Marcelina e estão enfrentando dor provocada pela experiência da doença: uma acompanhando a mãe em fase de câncer terminal e a outra suportando ela mesma uma distúrbio emocional.¹

A primeira escreve:

Minha mãe está doente, sei que irá embora, assim como eu. Todos os dias eu aprendo com ela de forma dolorida e experimento uma imprescindível vontade de ficar próxima, pois só assim me é proporcionado paz de espírito.

Quero devolver a ela tudo que me deu quando eu era pequena e frágil. Às vezes fico cansada e o egoísmo se apossa de mim por alguns segundos. Acho tudo injusto e errado. Respiro, penso e lembro: estou no mundo para aprender.

O hospital do câncer semanalmente, três dias na semana, às vezes 7 horas por dia, incomodava-me. Nunca gostei de ir a hospitais e principalmente de ver gente doente.

Um dia estava triste e nervosa e expliquei ao meu filho que não gostava de ir lá. O Vini com toda a sapiência de uma criança de cinco anos falou:

- Mãe, hospital é pra curar as pessoas. É pra sarar a vovó!!!!

Entendi. Aprendi a criar uma relação de troca e encontro com as pessoas lá dentro. No final das contas viver é como um bom medicamento. O gosto às vezes é ruim. Mas ou cura o corpo, ou cura a alma....

É **na** experiência do sofrer que é possível encontrar um sentido para tal experiência. Ao não se esquivar ou recusar o convite para estar presente à necessidade de acompanhar a mãe em seu caminho doloroso, essa pessoa descobre que por meio

¹ Ambas autorizaram publicação de seus textos produzidos na disciplina Antropologia Filosófica

de sua resposta pessoal – os cuidados com a mãe, a companhia às quimioterapias, o encontro e troca de olhares e/ou experiências com outros pacientes do hospital – ela percebe dentro dessa condição insuportável um valor, um sentido capaz de nutrir e sustentar a sua vida, a da sua mãe, a do seu filho, e, inclusive, as dos colegas da classe que testemunham tudo isso.

No outro caso, é possível perceber como o sentido da vida, a força para suportar o sofrimento pode ser encontrado pela presença amorosa e fiel de um outro:

Hoje, segunda feira, recebi uma rosa vermelha e uma carta. Meu nome é Ana Paula e tenho 19 anos. Se perguntassem muito sobre mim, não sei se conseguiria responder. Mas respondo uma certeza: amo minha mãe. Demais. (...)

Quando olho para ela, vejo força e muita, muita beleza, em todos os sentidos. (...) Minha querida Telma, às vezes nem percebo seu nome, porque para mim ela não é somente Telma, mas a minha mãe. Sei a dor que ela suporta ao me ver muitas vezes recusando a vida que me deu. Espero que um dia me perdoe.

Quantas experiências vivenciamos juntas! Lembro-me de fragmentos maravilhosos, principalmente da infância. Tantas vezes me amparou e cuidou de mim e, dezoito anos depois, ainda cuida. Agora ela procura me ajudar a me encontrar, mas sei que somente eu posso fazer isso.

...E toda segunda feira, o dia do meu nascimento, volto da faculdade e há uma flor: uma rosa, um girassol, uma gérbera esperando-me com uma carta que me diz para eu não desistir. Obrigada mãe por você existir.

O respeito, a atenção, o cuidado expressos por alguém que ama a pessoa que sofre constitui uma morada, um abrigo para amparar as perguntas e, de alguma forma, afirmar eu há uma resposta, um sentido, um valor naquela vivência dolorosa.

Por meio da experiência dessas duas pessoas fica claro como é possível crescer **no** sofrimento. É possível ir além da pergunta inicial – por quê? – tornando-se cada vez mais presente a descoberta do para quê serve essa circunstância para cada um de nós.

4. O sofrimento como doação de si

Existe um passo ulterior a ser dado, pois o homem é peregrino, está sempre em caminho no processo de realização pessoal, em direção ao máximo de suas potencialidades, como afirma Tomás de Aquino (*ultimum potentiae*).

É possível ainda descobrir o **valor redentor** do sofrimento, isto é, realizar-se e libertar-se através do sofrimento, por meio dele doar-se a si mesmo. É possível viver a paixão, que não tira nenhum aspecto da dramaticidade da dor humana, mas eleva-a a outro patamar, que é a entrega de si por meio do amor.

Viktor Frankl exemplifica essa possibilidade por meio de uma vivência de um prisioneiro do campo de concentração, relatada numa conversa que teve certa noite com alguns companheiros de seu barracão:

Falei do sacrifício. Disse que ele tem sentido em todo ou qualquer caso. Não vem ao caso se o sacrifício é feito em prol de uma idéia política ou se se trata da abnegação de uma pessoa em favor da outra. Claro, aqueles que fossem crentes no sentido religioso puderam entendê-lo

com facilidade. Mencionei um companheiro que, no início de sua estada no campo de concentração, propusera ao céu um pacto: que o seu sofrimento e morte poupassem de uma morte atormentada uma pessoa por ele amada. Para esse homem sofrimento e morte não eram sem sentido, mas sim, foram dotados do mais profundo sentido em função do sacrifício. Ele não queria nem sofrer nem morrer sem um sentido. Ninguém de nós o queria! Dar a esta vida, aqui e agora naquele barracão, naquela situação praticamente sem saída, este sentido último, foi o propósito das minhas palavras.(FRANKL, 1991: 81)

Frankl explica que é a dimensão espiritual que permite ao homem fazer a experiência do sacrifício, incompreensível para quem considera todas as dimensões que o caracterizam, enfatizando apenas as dimensões bio-psíquicas:

Sigmund Freud disse uma vez: ‘Experimentemos abandonar um certo número de pessoas das mais diversas extrações a uma condição uniforme de fome. Com o crescer do estímulo da fome todas as diferenças individuais serão ofuscadas e em seu lugar aparecerá a expressão uniforme daquele estímulo insatisfeito.’ Nos campos de concentração, contudo, era verdade o contrário. As pessoas acentuavam suas diferenças individuais. Vinha à luz a natureza animal do homem, mas acontecia o mesmo para a santidade. A fome era a mesma, mas as pessoas eram diferentes.(FRANKL, 1989a:42)

João Paulo II explica que Cristo fazendo-se homem trilhou o caminho humano do sofrimento:

Cristo não só é portador em si da mesma interrogação, como dá também a resposta mais completa que é possível a esta interrogação. A resposta emerge, pode-se dizer, da mesma matéria que constitui a pergunta. Cristo responde a esta pergunta sobre o sofrimento, sobre o sentido do sofrimento, não apenas com o seu ensino, isto é, a Boa Nova, mas, primeiramente, com o próprio sofrimento. (JOÃO PAULO II, 1988:33)

A intensidade humana do sofrimento de Cristo bem como seu sentido redentor é atestada em sua oração no Getsêmani: *“Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice! Contudo, não se faça como eu quero, mas como tu queres!”* (Mt 26, 39). Cristo aceita o sofrimento que é a vontade do Pai para a salvação do mundo. Assim, além de escutar a pergunta humana sobre o sentido do sofrimento Cristo quer responder-lhe da Cruz, por meio de seu próprio sofrimento.

À medida que o cristão dialoga com Ele na cruz, assumindo também em primeira pessoa a circunstância de seu sofrimento perceberá a dimensão salvífica que está presente nele:

À medida que o homem toma a sua cruz, unindo-se espiritualmente à cruz de Cristo, vai-se-lhe manifestando mais o sentido salvífico do sofrimento. O homem não descobre esse sentido ao seu nível humano, mas ao nível do sofrimento de Cristo. Ao mesmo tempo, porém, desse plano em que Cristo se situa, este sentido salvífico do sofrimento *desce ao nível do homem*, e torna-se, de algum modo, a sua resposta pessoal. E é então que o homem encontra no seu sofrimento a paz interior e mesmo a alegria espiritual.(JOÃO PAULO II, 1988: 58)

Quando o homem aceita unir seu sofrimento ao de Cristo experimenta uma grande força interior: “Cristo, mediante seu próprio sofrimento salvífico, encontra-se bem dentro de cada sofrimento humano e pode, assim, atuar a partir do interior do mesmo, pelo poder do seu Espírito de verdade, do seu Espírito consolador..(João Paulo II, 188:56)”²

Há, desse modo, um privilégio, uma possibilidade particularmente preciosa no sofrimento da pessoa que tem a graça da fé em Cristo:

No sofrimento se esconde uma força particular que aproxima interiormente o homem de Cristo, uma graça particular. (...) No sofrimento ele se torna um homem totalmente novo. Encontra como que uma maneira nova para avaliar toda a sua vida e a própria vocação. Essa descoberta constitui uma confirmação particular da grandeza espiritual do homem que no homem supera o corpo de um modo totalmente incomparável. Quando esse corpo está doente, ou mesmo inutilizado, e o homem se sente como que incapaz de viver e agir, é então que se põem mais em evidência a sua maturidade interior e grandeza espiritual; e essas constituem uma lição comovedora para as pessoas sãs. .(JOÃO PAULO II, 1988: 55)

Adélia Prado descreve em um de seus livros de prosa, *Manuscritos de Felipa*, a comoção experimentada diante uma pessoa – Angelina – que estava diante da morte.

Teodoro atende ao telefone e pelo jeito a Angelina acabou de morrer. Me dá a notícia no tom em que toda notícia assim deveria ser dada: olha, a Angelina terminou o serviço dela, tomou banho e voltou pra casa dos pais, foi de primeira classe. (...) Gente ela dizia, todo mundo melhora, só eu não saró desta porcaria. (...) Era só uma dor, de face inexistente, não propriamente uma dor, “uma ruindade: não caibo em mim, alguma coisa está pequena demais ou grande demais, eu não sei o que é. Pelo amor de Deus, gente, me leva pro hospital de novo”. Me contou, gratíssima, que o doutor a levou pra capela da clínica e ficou mais de meia hora rezando com ela. Este doutor redime, este único doutor redime para mim a bruta cegueira de todos os diagnósticos e terapias. Ele ficou segurando minha mão, disse, como se o próprio Cristo... Como se, não, porque este é o Cristo, o que nos pega a mão na hora do inominável e fica ali, sem entender também, curvado a uma vontade que suplanta células e órbitas, gemendo em cama de cruz, entregando o espírito a quem o abandonou. (ADÉLIA PRADO, 1999:.17)

Essa descrição extraordinária da dor humana frente a iminência da morte expressa maravilhosamente a presença de Cristo, sua graça especial na experiência do sofrimento: Ele faz companhia àquele que sofre, tornando a experiência da dor ocasião de salvação, de redenção da própria pessoa e de tantos outros homens. Adélia Prado também revela de modo lúcido como o processo de amadurecimento interior por meio do sofrimento não se realiza sempre do mesmo modo, há disposições diferentes, segundo as características e liberdade de cada pessoa.

De fato, o caminho de amadurecimento interior e de realização pessoal até chegar à doação de si por meio dele é um processo lento; é necessário muito tempo

² *Ibidem*, p.56

para que se possa enfrentar profundamente a pergunta sobre o sofrimento e abrir-se para descobrir, para acolher a sua resposta. Diz o papa: “esse processo interior não se realiza sempre da mesma maneira. Ele se inicia e se estabiliza, não raro, com dificuldades.”

De qualquer forma, no cristianismo somos ajudados de um modo particular a percorrer o caminho do sofrimento:

“torna-se alegria superar a inutilidade do sofrimento, sensação que, por vezes, está profundamente arraigada no sofrimento humano; e isto não só desgasta o homem por dentro, mas parece fazer dele um peso para os outros. O homem sente-se condenado a receber ajuda e assistência da parte dos outros, e, ao mesmo tempo, considera-se a si mesmo inútil. A descoberta do valor salvífico do sofrimento em união com Cristo transforma esta sensação deprimente. A fé na participação dos sofrimentos de Cristo traz consigo a certeza interior de que o homem que sofre “completa o que falta aos sofrimentos do mesmo Cristo” e de que, na dimensão espiritual da obra de Redenção, serve, como Cristo, para a salvação dos seus irmãos e irmãs. Portanto, não só é útil aos outros, mas presta-lhes ainda um serviço insubstituível. (JOÃO PAULO II, 1988: 58)

Com Cristo, o homem sente-se profundamente acompanhado em sua experiência de dor, conferindo a ela um valor novo, uma maneira absolutamente nova de enxergar a si mesmo, aos outros e a sua própria vocação e missão no mundo.

Referências bibliográficas

- FRANKL, V. E. *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante, 1989
_____. *Um sentido para vida: psicoterapia e humanismo*. Aparecida – SP: Santuário, 1989^a
_____. *Em busca de sentido*. Petrópolis: Vozes, 1991
JOÃO PAULO II *O sentido cristão do sofrimento humano. Carta Apostólica Salvifici Doloris*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1988
PRADO, Adélia. *Manuscritos de Felipa*. São Paulo: Editora Siciliano, 1999.

Recebido para publicação em 19-12-10; aceito em 05-01-11